

Monteiro Lobato, autor irreverente e visionário¹

Roberto Belo

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Resumo:

Este trabalho visa a discutir alguns dos principais elementos formadores da literatura infantojuvenil brasileira através da figura de Monteiro Lobato (1882-1948). Não havia no Brasil dos séculos XVIII e XIX uma produção de livros destinada especificamente aos mais jovens, que dependiam de traduções e adaptações de autores estrangeiros. Nessa época, a alfabetização era a principal meta a ser alcançada, e por isso o texto literário era fortemente influenciado pelos ensinamentos pedagógicos. De modo geral, a história da educação, da leitura e do progresso do país atravessam a vida e a obra de Lobato, que foi um rebelde engajado na reinvenção do Brasil, contemplando na figura de suas personagens a diversidade do povo brasileiro e criticando as injustiças sociais com humor, ceticismo e ironia. Sua preocupação com o progresso da nação passava pelo progresso do ser humano, e neste caso, as crianças sempre estiveram em primeiro plano.

Palavras-chave: Formação da literatura infanto-juvenil brasileira; *A menina do narizinho arrebitado*; Monteiro Lobato.

Abstract:

This paper aims to discuss some of the formative aspects of Brazilian literature for children, through the work of Monteiro Lobato. There wasn't a literature for children in Eighteenth and Nineteenth's centuries in Brazil. Children depended upon translations and adaptations of foreign authors. At that time, literacy was the main goal to be achieved, and the literary text was strongly influenced by the pedagogical teachings. Lobato was a promising rebel who wanted to reinvent Brazil though education. He showed the diversity of the Brazilian people in his characters, criticizing the injustices of society with humor, skepticism and irony. Strongly concerned with the progress of the nation, he believed in the improving of humanity. Children, for him, were always the priority.

Keywords: Formation of Brazilian children and youth literature; *A menina do narizinho arrebitado*; Monteiro Lobato.

Ando com ideias de entrar por esse caminho: livros para crianças. De escrever para marmanjos já me enjoiei. Bichos sem graça. Mas para as crianças, um livro é todo um mundo. Lembro-me de como vivi dentro do Robinson Crusoe do Laemmert. Ainda acabo fazendo livros onde as nossas crianças possam morar. Não ler e jogar fora; sim morar, como morei no Robinson e n'Os filhos do capitão Grant.

Monteiro Lobato. Carta a Godofredo Rangel

1. Este texto baseia-se no meu Trabalho de Conclusão de Curso em Letras na UFPE, *Diferenças religiosas na Literatura Infantil Brasileira: culturas e identidades na formação leitora*, sob orientação da Profa. Dra. Ermelinda Maria Araújo Ferreira, defendido no primeiro semestre de 2015.

Introdução

Se a literatura infantil brasileira tem algum segredo – e sabemos que tem, pelo sucesso que vem fazendo, contando com três prêmios Hans Christian Andersen², o mais importante da literatura infanto-juvenil mundial –, este segredo está em Monteiro Lobato, nosso autor irreverente e visionário. A história da educação, da leitura e do progresso do Brasil atravessam crucialmente a vida e a obra de Lobato, tanto que para se entender a origem do livro infantil brasileiro é necessário voltarmos ao passado e analisarmos o contexto educacional, cultural e literário de então.

Como não existia no Brasil do século XVIII e XIX uma produção de livros destinada especificamente às crianças e aos jovens, as traduções e adaptações de autores estrangeiros predominavam nas bibliografias para os escolares. Nesta época, a educação estava em processo de institucionalização com a abertura de escolas. A alfabetização era a meta a ser alcançada, e a leitura a principal ferramenta pedagógica. O sistema educacional brasileiro era muito precário, passava por sérios problemas. Os pilares desse sistema educativo eram o nacionalismo, o intelectualismo, o tradicionalismo e o moralismo religioso, cujos conceitos foram repassados à literatura.

Os teóricos da Literatura Infantojuvenil

Sabe-se que há muita polêmica e discussão sobre a origem da literatura infantil. Teoricamente adotamos e sugerimos as seguintes obras que foram mais utilizadas por nós, *Literatura Infantil Brasileira*, de Leonardo Arroyo (1968), *Literatura Infantil: Teoria, Análise, Didática*, de Nelly Novaes Coelho (2000) e *A Literatura Infantil na Escola*, de Regina Zilberman (2003). Acreditamos que, na área de literatura infantil brasileira, esses trabalhos são os mais completos até então, por isso nosso respeito aos autores pelas pesquisas desenvolvidas. Procuramos apontar neste pequeno texto os elementos políticos e culturais que fundamentaram a criação e surgimento da literatura infantil brasileira

2 Os premiados são: Lygia Bojunga Nunes (em 1982), Ana Maria Machado (em 2000) e Roger Mello (em 2014), duas escritoras e um ilustrador. O prêmio é concedido a cada dois anos pela International Board on Books for Young People (filiação à UNESCO) para escritores e ilustradores vivos.

através do projeto ideológico e estético desenvolvido pelo romancista, contista e tradutor Monteiro Lobato.

Com as mudanças econômicas e política, vê-se o despertar da consciência dos brasileiros por uma literatura própria, que valorizasse o nacional, sobretudo em relação às crianças por causa do ensino escolar; explica-nos Arroyo (1968, p. 163) que:

a reação nacional ao enorme predomínio de literatura didática e literatura infantil que nos vinha de Portugal, em obras originais e traduzidas, manifestou-se de forma isolada em algumas regiões mais desenvolvidas culturalmente no país. Mas foi particularmente na área escolar que ela começou, passando depois a dar exemplo de inconformismo pleno na área das traduções. A rigor foi uma reação teórica, que se compreende facilmente em face dos profundos laços de identidade que nos ligava a Portugal.

Somente a partir da segunda metade do século XIX é que foram produzidos livros brasileiros de leitura e outros textos didáticos para uso de alunos e professores do ensino básico; obras nacionais de autores como Abílio Cesar Borges (1824-1891), Hilário Ribeiro (1847-1886), Felisberto de Carvalho (1850-1898), Arnaldo de Oliveira Barreto (1869-1925), Francisco Vianna (1876-1935), entre outros. Todos esses escritores tinham como foco a *alfabetização* e como instrumento os chamados *livros de leitura*, que eram adotados nas escolas e mais tarde pelo governo. Esses livros de leitura eram sobrecarregados de conteúdo científico simplificado; obras sem nenhum atrativo estético e por isso enfadonhos, conforme critica um dos próprios autores da época, Francisco Vianna:

Tenho observado que os livros escritos com tal intento falham duplamente ao seu destino: primeiro, porque as crianças aproveitam muito pouco das noções que eles contêm, a ponto de ser-lhes, em geral mais proveitosa amenos perfeita explicação do mestre que a mais lúcida exposição do livro de leitura; segundo, e principalmente, porque as crianças, quer por não acharem atrativo algum em tais assuntos, quer por não poderem apreendê-los imediatamente, fazem uma leitura sem a menor atenção e compreensão, donde uma falta total de expressão. Tais livros, segundo o meu modo de ver, devem ser banidos da aulas de leitura (PFROMM NETO et al., 1974, p. 176).

Sobre a história dos livros utilizados nas primeiras escolas brasileiras, seus autores e leituras, ver o belíssimo trabalho de pesquisa histórica realizado por Pfromm Neto et al. (1974), no qual é citadas obras como *Contos da Carochinha*, de 1896, primeira coletânea

brasileira de literatura infantil, de Figueiredo Pimentel; *O Tico-Tico* (estórias em quadinhos), de 1905; *Era uma vez*, de Viriato Correia, de 1908; entre outras que, de alguma forma, deram início ao projeto que seria desenvolvido por Monteiro Lobato, marcando, por sua vez seu nome na história da literatura infantil brasileira como introdutor do gênero.

O espírito nacionalista estava em voga como atesta José Veríssimo, em 1890, no prefácio que escreveu para o livro *Coisas Brasileiras*, de Puiggari: “Cumpra que ele [o livro de leitura] seja brasileiro, não só feito por brasileiro, que não é o mais importante, mas brasileiro pelos assuntos, pelo espírito, pelos autores trasladados, pelos poetas reproduzidos e pelo sentimento nacional que o anime” (PFRONM NETO et al., 1974, p. 175), e também por Olavo Bilac, em 1910, na obra *Através do Brasil*, escrita em parceria com o educador Manuel Bomfim:

Neste livro existem e entrelaçam-se, por meio de mútua sugestão, todas as noções que a criança pode e deve receber na Escola; e, ao mesmo tempo, a sua leitura representa por si mesma uma visão geral do Brasil, um conhecimento concreto do meio no qual vive e se agita a criança; e deste modo se consegue isto, que é a grande aspiração do ensino primário: - que a Escola ensine a conhecer a natureza com a qual a criança está em contacto, e a vida que ela tem de viver e da qual já participa. (Ibid., p. 178)

São estes dois livros de leitura: *Coisas Brasileiras* e *Através do Brasil*, que representam de forma louvável o empreendimento dos escritores didáticos pelo nacionalismo brasileiro. Juntando-se a esses, surge o movimento ruralista através de *Saudade*, obra do escritor Thales de Andrade publicada em 1919 com uma tiragem de quinze mil exemplares pelo Governo do Estado de São Paulo e distribuída às escolas do Brasil. Posteriormente, esse livro foi editado pela Monteiro Lobato & Cia; trata-se de um trabalho que dignifica a vida no campo, misturando ficção e realidade. Sobre ele, escreveu Lobato: “Livro para a infância das escolas que cai em nossos meios pedagógicos com o fulgor e o estrondo de um raio” (Ibid., p. 179).

É interessante assinalar que desde o século XVII o autor brasileiro dependia de outros países, sobretudo de Portugal e França, para produzir suas obras, ou ficava sem publicar, como Gregório de Matos, que ficou guardado na memória da população durante um bom tempo. Aliás, foi o visionário Monteiro Lobato, associado à empresa Olegário

Ribeiro & Cia., que funda a *Olegário Ribeiro, Lobato & Cia.*, editora que dura apenas alguns meses de 1919. Tendo fracassado nessa primeira tentativa, Lobato não desiste e segue em frente, associa-se no ano seguinte, 1920, com o jovem Octalles Marcondes Ferreira, e funda a primeira editora brasileira de alcance nacional – a “*Monteiro Lobato & Cia*”, o maior parque gráfico da América Latina já na década de 20 (PROJETO MEMÓRIA, 1998, pp. 6-8); foi Lobato quem, inclusive, pensou num sistema sério de distribuição a favor do livro e da leitura, um sistema inovador que incluía lombo de burro, barco e trem (SANT’ANNA, 2010, p. 10); livros que foram distribuídos às bancas de jornais, papelarias e armazéns (HALLEWELL, 2005, p.320), ampliando a vendagem de livros das poucas livrarias, em torno de trinta na época, para mais de dois mil pontos de vendas de livros no país, dando início ao mercado livreiro e inserindo as pessoas no mundo da leitura e da literatura.

Hoje a situação é bem diferente, Lindoso (2004) explica que o Brasil tem a maior produção editorial da América Latina e é responsável por mais da metade dos livros editados no continente. A Câmara Brasileira do Livro (CBL) e o Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL) registraram mais de 750 editoras ativas no país em 2010 (RODRIGUES, 2011), enquanto foram contabilizadas em 2011, 3481 livrarias espalhadas nos vinte e sete estados brasileiros mais o Distrito Federal, sendo 1829 lojas somente na região Sudeste (ANL, 2012). Tendo em vista a quase inexistência de uma cultura livreira no país, e ainda a monopolização do mercado por parte de grandes redes que impedem o crescimento de pequenas livrarias e pontos de vendas, para quem publicam as editoras brasileiras?

Escrevendo sobre a situação geral do papel desempenhado pelas editoras em várias regiões do mundo moderno, em um artigo publicado pela UNESCO, em 1997, Phillip Altbach (1997 apud ODDONE, 1998, p. 30) registrou o seguinte:

A atividade editorial tem uma importância que ultrapassa seu limitado papel econômico, porque ela é essencial à vida cultural, científica e educacional das nações. [...] A produção de livros - que reflete de maneira direta a cultura, a história e os interesses de uma nação ou de um povo - é algo que não pode ser transferido a terceiros. [...] Essa é uma parte vital de uma cultura. Nesse sentido, a atividade editorial é diferente, merecendo consideração especial.

Nessa época introdutória de livros, leitura e literatura no Brasil, uma figura importante que não se pode deixar de citar é a de Carlos Jansen (1829-1889), um dos poucos escritores que se dedicaram a traduzir clássicos, como *As Mil e uma Noites* e *Dom Quixote de La Mancha*, e escrever para crianças numa época em que livros quase não existiam nem escolas. Diante do contexto geral apresentado, percebe-se que a literatura infantil brasileira emergiu no início da modernização do país, uma vez que as mudanças estruturais políticas e econômicas que se movimentavam. Daí o interesse das instituições por uma identidade nacional, escrevendo livros de cunho puramente pedagógico, como nos mostra Lajolo & Zilberman (1988, p. 18):

De um lado, a literatura infantil se converte facilmente em instrumento de difusão das imagens de grandeza e modernidade que o País, através das formulações de suas classes dominantes, precisa difundir entre as classes médias ou aspirantes a elas no conjunto das camadas urbanas de sua população. De outro, inserida no bojo de uma corrente mais complexa de nacionalismo, a literatura infantil lança mão, para a arregimentação de seu público, do culto cívico e do patriotismo como pretexto legitimador.

É nesse cenário de escritores de livros de leitura escolares que surge Monteiro Lobato, aos 38 anos de idade, com o seu *A Menina do Narizinho Arrebitado*³, em 1920, ilustrado por Voltolino. No ano seguinte, Lobato acrescenta mais algumas histórias a esse livro, muda o projeto gráfico e dá-lhe o nome de *Narizinho Arrebitado*. Esse foi o segundo livro de leitura oficialmente adotado pelo Governo paulista para uso nas escolas primárias no ano de 1921. Entusiasmado pelo projeto que iniciara a partir daí, o autor lançou uma edição com pouco mais de cinquenta mil exemplares da obra para atender às escolas e o comércio. Segundo Arroyo (1968, p. 204), em nota de rodapé, através de exames feitos nos arquivos da Companhia Editora Nacional, descobriu-se que foram impressos 60 mil exemplares; os arquivos analisados pertenceram à Gráfica Monteiro Lobato. Lobato também teria usado 500 unidades da edição do livro para distribuição gratuita às escolas e grupos escolares do Estado de São Paulo, como propaganda. A essa altura, o autor já era conhecido no mundo das letras, uma vez que tinha lançado *Urupês*, *Cidades Mortas*, *Negrinha*, entre outras obras para o público adulto.

3 Capa de *fac-simile* da primeira edição, 1920, em anexo com ilustrações de Voltolino.



Capa de fac-símile da primeira edição do livro *A Menina do Narizinho Arrebitado* (1920), com ilustrações de Voltolino. Capa de fac-símile da primeira edição do livro *Narizinho Arrebitado*, lançado em abril de 1921, também com ilustrações de Voltolino.

No Brasil, antes de Lobato, tem-se o que declarou o crítico literário Edgard Cavaleiro (1972, vol. II, p. 144-6 apud COELHO, 1991, p. 223):

A literatura infantil praticamente não existia entre nós. Antes de Monteiro Lobato havia tão-somente o conto com fundo folclórico. Nossos escritores extraíam dos vetustos fabulários o tema e a moralidade das engenhosas narrativas que deslumbraram e enterneceram as crianças das antigas gerações, desprezando, frequentemente, as lendas e tradições aparecidas aqui, para apanharem nas tradições europeias o assunto de suas historietas. É o caso, por exemplo, dos *Contos da Carochinha*, de Alberto Figueiredo Pimentel, aparecido em 1895, e que pode ser considerado o primeiro livro infantil publicado em português, no Brasil.

As Reinações de Lobato

Diante das adaptações de textos europeus, histórias muitas vezes desvinculadas da fantasia que povoa o mundo da criança, Monteiro Lobato dá início à sua criação, rom-

pendo com o que se tinha em terras brasileiras à época. Não que aquelas histórias sejam desprezíveis, e vários dos seus elementos são resgatados no *Sítio do Pica-pau Amarelo* em adaptações e reformulações do autor, que atualizam e modernizam a nossa literatura infanto-juvenil, conferindo-lhe uma identidade própria.

Sendo assim, Coelho (2000, p. 19) apresenta o seguinte quadro para distinguir a Literatura Infantil Tradicional da Literatura Infantil Atual:

O TRADICIONAL	O NOVO
1. Espírito individualista	1. Espírito solidário
2. Obediência absoluta à Autoridade	2. Questionamento da Autoridade
3. Sistema social fundado na valorização do ter e do parecer, acima do ser	3. Sistema social fundado na valorização do fazer como manifestação autêntica do ser
4. Moral dogmática	4. Moral da responsabilidade ética
5. Sociedade sexófoba	5. Sociedade sexófila
6. Reverência pelo passado	6. Redescoberta e reinvenção do passado
7. Concepção de vida fundada na visão transcendental da condição humana	7. Concepção de vida fundada na visão cósmica/existencial/mutante da condição humana
8. Racionalismo	8. Intuicionismo fenomenológico
9. Racismo	9. Antirracismo
10. A Criança: “adulto em miniatura”	10. A Criança: ser-em-formação (“mutantes” do novo milênio)

A obra lobatiana é, sem dúvida alguma, fonte viva dos antigos contadores de histórias; “o modelo de Monteiro Lobato é exemplar: tratava-se de aproveitar um processo da narrativa oral, encampando e transferindo para a literatura a figura que fazia o papel de transmissora da tradição folclórica” (LAJOLO & ZILBERMAN, 2003, p. 217). Sem sombra de dúvidas, Lobato resgata e sustenta a tradição milenar da narração e da audição oral, sabendo que somos seres narrativos por excelência. Nesses tempos modernos, parece estar o ser humano narrando-se menos? Ou pior: extinguímos em nós o ato de narrar? É interessante como Benjamin (1992, p. 28) inicia seu ensaio *O Narrador* tecendo comentários sobre isso:

a arte de narrar está em extinção. É cada vez mais raro encontrar pessoas que saibam narrar qualquer coisa com correção. Quando alguém manifesta o desejo de ouvir uma história, é cada vez mais freqüente surgir o embaraço entre as pessoas que o rodeiam. É como se uma capacidade que nos parecia inalienável, a mais segura de todas, nos tivesse sido tirada: a capacidade de trocar experiências.

Ultimamente tem-se levantado discussões em torno da obra de Monteiro Lobato numa perspectiva racista e discriminatória. A verdade é que a obra lobatiana está aberta à problematizações diversas, justamente pela sua riqueza de linguagem. Tratam-se os fatos narrados pelo autor de *textos literários*; é preciso considerar. Além disso, há uma série de pontos de vistas, sobretudo o *contexto* da obra em si, a serem colocados em questão, como aponta Maingueneau (1995), por exemplo. Não se pode esquecer, ainda, que o *realismo* tem efeito dentro do seu universo, seja ele real ou fictício; a obra responde por si mesma.

Vale salientar que “o estilo realista só pode ser distinguido do não-realista na medida em que é confrontado com a própria realidade da qual trata” (BRECHT, 1998, p. 267), sabendo que “não o conceito de estreiteza, mas o de amplitude combina com o realismo. A própria realidade é ampla, multifacetada, contraditória; a história cria e refuta modelos” (Ibid. p. 274). Logo, cabe ao leitor mediante leitura atenta e conjuntural fazer juízo de valor sobre a existência ou não de discriminação e preconceito em Lobato como em qualquer outro autor. Segundo Coelho (2000, p. 150),

O valor literário hoje de cada livro não depende, obviamente, do simples fato de ele pertencer a uma ou a outra diretriz, mas sim da *coerência orgânica* (que deve existir em toda obra literária) entre a visão de mundo que o alimenta e as soluções estilísticas/estruturais escolhidas pelo autor, tendo em vista *o momento em que escreve*.

Quanto a essas críticas, pensemos no que Terry Eagleton (1997, p. 267) nos deixou:

Na verdade, não há necessidade alguma de se trazer a política para o âmbito da teoria literária: como acontece com o esporte sul-africano, elas estão juntas há muito tempo. Por “político” entendo apenas a maneira pela qual organizamos conjuntamente nossa vida social, e as relações de poder que isso implica.

De uma coisa estamos certos: Lobato acreditava tanto no livro, na leitura e na literatura que, mesmo provindo de uma família de fazendeiro, almejava viver daquilo que escrevia. Apesar de ter comprado jornal e aberto editora, ele acreditava mesmo era na profissionalização do escritor, seja escrevendo ou traduzindo, tanto que chegou a dizer que o livro era sua moeda, isso diante de um país escasso de leitores, com uma educação precária, em início do séc. XX:

Hoje escrevi ao Octales propondo uma série de novos livros infantis, que ele anda querendo publicar, em troca de ele me custear as despesas da doença do Edgard. Caso ele aceite, irá conversar com você para combinar o pagamento do que já forneceu a Teca. Minha moeda sempre o livro e vamos ver agora se reduzo a moeda os livros em estado potencial que tenho na cabeça. (NUNES, 1986, p. 31)

Assim, Lobato trabalha com afinco na literatura, explorando minuciosamente os aspectos psicológicos das personagens em cada obra, dando-lhes poder e possibilidades para enfrentar as situações, como em *Reinações de Narizinho*. O autor fez e faz sucesso porque sua escrita é uma ruptura com a ordem arbitrária em que se funda o sistema de dominação vigente, e mais que isso: ele trouxe o maravilhoso para ser vivido por qualquer um, fundindo o imaginário com o real. Como diz Coelho (2000, p. 147), “em seu radicalismo Lobato zomba de tudo. Por detrás do pitoresco ou da comicidade que ele transmite ao seu discurso literário está o seu espírito maroto e iconoclasta, quebrando imagens consagradas”. Regina Zilberman faz contraponto e diz que

Monteiro Lobato procede à crítica à sociedade brasileira de seu tempo, ainda que a alusão ao estamento burocrático revele que ele apenas a apalpava epidermicamente. Mais decisivo é que acaba por criar uma zona neutra, que somente se consolida por oposições: ao mundo da natureza, por não admitir um retorno à sociedade primitiva; ao mundo da civilização, por não concordar com a forma de evolução que tomaram os acontecimentos históricos. (ZILBERMAN, 2003, p. 162)

A Menina do Narizinho Arrebitado abriu as portas para que se produzissem livros novos, na linguagem e no conteúdo, contribuindo inclusive para o *Modernismo* que se pronunciava estourar. Outrossim, foi Lobato o único autor modernista de literatura infantojuvenil da década de 20, que quebrou os padrões literários tradicionais (COELHO, 2000, p. 236) com seu espírito antiautoritário, seu respeito pela inteligência infantil, sua valorização pela linguagem narrativa brasileira, sua intertextualidade permanente e seu realismo maravilhoso.

Monteiro Lobato foi um rebelde promissor que soube como ninguém reinventar o Brasil do seu tempo, demonstrando na figura de suas personagens a diversidade do povo brasileiro e de um novo mundo que apontava, harmônico e justo, mesmo diante dos conflitos da vida, e o modelo insustentável de sociedade que se desfazia; modelo esse,

patriarcal e autoritário, no qual as instituições agem de forma perversa e arbitrária.

O autor d'*A Chave do Tamanho* põe em xeque as questões sociais e rompe com as injustiças, apresentando situações realistas ou imaginárias compatíveis com o mundo da criança, com a modernidade que se iniciava, como revela Hayden (1974); sobre isso, Zilberman (2003, p. 158) faz as seguintes provocações:

Antes de confirmar se esse projeto [de sociedade representada no Sítio do Pica Pau Amarelo] foi viabilizado ou não, torna-se imprescindível verificar que realidade – ou que sociedade – a obra traduz. Isso significa igualmente interrogar a metodologia que pode servir de amparo no caso, a sociologia literária. Pois, na falta de uma contrapartida real ao mundo construído por Lobato, que metodologia pode ser útil? Ou, com outra formulação: até que ponto a sociologia literária, explicitando as aproximações entre uma obra e a sociedade que lhe serve de modelo, pode dar conta de uma narrativa na qual estes vínculos são rejeitados e até expulsos como indesejados?

Considerações Finais

Deixa-nos Monteiro Lobato um projeto de literatura de valor imensurável. Sem ele, nós não teríamos a produção literária infantil que temos hoje nem um mercado editorial potente. Lobato investiu tudo o que tinha (material e imaterial) em prol do desenvolvimento do Brasil, apostando fielmente no livro, na leitura e na literatura, mesmo diante das incertezas. Sua obra critica as injustiças da sociedade, seja através do humor, do ceticismo ou da ironia. Ele foi um autor que sempre esteve preocupado com o progresso da nação, mas sem perder de vista o ser humano, e nesse caso, as crianças estavam em primeiro plano.

Desde a década de 1970, temos vivenciado o que os críticos denominaram de “boom” da Literatura Infantojuvenil. De fato, nossos autores e ilustradores vêm desenvolvendo um trabalho competente e maravilhoso, sendo isso acompanhado de perto pelos poucos críticos - é verdade, que se debruçam sobre cada obra analisada, e que primam pela qualidade estética e conteudística; além disso, as editoras, apesar da ganância capitalista, vêm também investindo em bons autores. Os concursos literários têm revelado bons nomes, mas o problema está no fato desses vencedores não darem continuidade à produção da

escrita, produzindo apenas uma, duas ou três obras, infelizmente. Na perspectiva de Sônia Khéder (1986, p. 15) alguns fatos contribuíram para esse “boom” que estamos vivendo:

- a) a reorganização da sociedade civil com um maior descentramento em relação ao mercado intelectual, acrescentando-se ainda as complexas relações de demanda do consumo em uma sociedade de massa;
- b) o período ditatorial que efetivamente influenciou determinada produção de depoimento e reportagem de cunho eminentemente informativo, como forma inclusive de suprir a falta de notícias nos jornais, de modo a exercer a crítica social por intermédio de um modelo discursivo de caráter quase unívoco e, portanto, de fácil consumo;
- c) o fato de a fase mais crucial do ensino ter suscitado várias discussões em cujo bojo estava a questão da leitura que sempre foi associada, via modelo burguês, à escola. A denúncia da degenerescência do ensino alcançou e mobilizou a opinião pública e, em consequência, as instituições governamentais reagiram – embora formalmente e sempre de modo a se colocar na defensiva – porém provocando, no seu aspecto positivo, a reavaliação da forma de se encarar o texto.

Sobre essa explosão da literária infantil ocorrida no Brasil a partir dos anos 70, tratamos um pouco no trabalho *Ponto a ponto: várias histórias num só conto* (BELO, 2014), que foca a intertextualidade numa obra de Ana Maria Machado. Esse material foi apresentado durante o V Encontro Nacional de Literatura InfantoJuvenil e Ensino (ENLIJE), evento realizado pela linha de pesquisa Literatura e Ensino do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da UFCG, e publicado em seus Anais:

pois é a partir da década de 1970 que há uma revolução na produção de livros ditos “*infantojuvenis*” e que surgem autores comprometidos com os ideais lobatianos, cabendo aqui ressaltar mais duas figuras, Ruth Rocha e Joel Rufino dos Santos, que, juntos a AMM, formaram a tríade da revista *Recreio* que mais venderam e conquistaram públicos. [...] é importante assinalar que diante da efervescência cultural brasileira, sobretudo da música, o Brasil é observado pela crítica internacional, sendo no campo da Literatura Infantil nossa melhor representação Lygia Bojunga Nunes, que fora a primeira escritora brasileira a receber o maior prêmio literário do mundo, o Hans Christian Andersen, considerado o Nobel da área, em 1983. Foi através da Lygia que os autores ganharam a simpatia do público, credibilidade mercadológica e editorial (BELO, 2014, p. 1)

Em suma, Monteiro Lobato foi um homem irreverente, bem-humorado e visionário, que apostou tudo o que tinha naquilo que acreditava. E aí está um dos segredos da vida, como pregava o grande mitólogo Joseph Campbell (2009, p. 125): “Eu sempre recomendo

aos meus alunos: vão aonde o seu corpo e a sua alma desejam ir. Quando você sentir que é por aí, mantenha-se firme no caminho, e não deixe ninguém desviá-lo dele.” O segredo da literatura infantil e juvenil – como o da própria arte – é justamente este: burlar o sistema de opressão através da linguagem. A recusa crítica e reflexiva de todas as formas de autoritarismo que ameaçam a vida, e o investimento constante na criatividade e na fantasia: é neste sentido que a obra lobatiana nos aponta para uma sempre renovada utopia, numa aposta reiterada na capacidade humana de superação e de progresso.

Referências

- ALTBACH, Phillip. Book publishing, in: COURIER, Yves; LARGE, Andrew (Orgs.). *World information report 1997/98*. Paris: Unesco, 1997.
- ANL. Associação Nacional de Livrarias. *Levantamento do Setor Livreiro 2012*. Disponível em: <http://gindre.com.br/wp-content/uploads/2012/05/levantamento_anual_20121.pdf>
- ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.
- BELO, Roberto. Ponto a ponto: várias histórias num só conto, in: *V Encontro Nacional de Literatura Infanto-Juvenil e Ensino*. Campina Grande, *Anais Enlije V*, Editora Realize, 2014, Vol. 1.
- BENJAMIN, Walter. Teses sobre a filosofia da história, in: BENJAMIN, Walter. *Sobre arte, técnica, linguagem e política*. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.
- BRECHT, Bertolt. Weite und Vielfalt der realistischen Schreibweise, in: *Estudos avançados*, nº. 34, São Paulo: USP, Dez. 1998.
- CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 2009.
- CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato*. São Paulo: Brasiliense, 1972. (Vol. II).
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.
- _____. *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil*. São Paulo: Ática, 1991.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- FERREIRA, Ermelinda. Osman Lins e a literatura infantil: um diálogo com Monteiro Lobato, in: *Outra Travessia – Revista de Literatura*. Santa Catarina: Editora da UFSC, n. 4, 2005.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.
- HAYDEN, Rose Lee. *The children's literature of José Bento Monteiro Lobato of Brazil: a pedagogy for progress*. Michigan: Michigan State University/College of Education, 1974.
- KHÉDE, Sonia Salomão. As polêmicas sobre o gênero, in: KHÉDE, S. S. (Org.). *Literatura infantojuvenil: um gênero polêmico*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.
- LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 2003.
- _____. *Um Brasil para crianças*. Para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos. São Paulo: Global, 1988.
- LINDOSO, Felipe. *O Brasil pode ser um país de leitores? Política para cultura/Política para o livro*. São Paulo: Summus Editorial, 2004.
- LOBATO, Monteiro; RANGEL, Godofredo. *A barca de Gleyre: quarenta anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel*. São Paulo: Brasiliense, 1961.
- MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- NUNES, Cassiano (Org.). *Monteiro Lobato vivo*. Rio de Janeiro: MPM Propaganda/Record, 1986.

ODDONE, Nanci Elizabeth. *Atividade editorial & ciência da informação: convergência epistemológica*. 1998. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Brasília: Faculdade de Estudos Sociais Aplicados, Universidade de Brasília, 1998.

PFROMM NETO, Samuel; ROSAMILHA, Nelson; DIB, Cláudio Zaki. *O livro da educação*. Rio de Janeiro: Primor/INL, 1974.

PROJETO MEMÓRIA. *Monteiro Lobato: vida, realidade e sonho*. Brasília: Fundação Banco do Brasil/ODEBRECHT, 1998.

RODRIGUES, Maria Fernanda. Brasileiro compra mais livro, mas crescimento do setor é discreto. 2011. Disponível em:

<<http://www.publishnews.com.br/telas/noticias/detalhes.aspx?id=64697>>

SANT'ANNA, Affonso Romano. Anotações para uma história da leitura, in:

MARQUES NETO, José Castilho (Org.). *PNLL: textos e história*. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2010.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 2003.